

Ensino-Aprendizagem e Metodologias

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Ensino-Aprendizagem e Metodologias

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino-aprendizagem e metodologias [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-427-6 DOI 10.22533/at.ed.276192506 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. 3. Ensino – Metodologia. CDD 371.3
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos. Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. Rubem Alves.

A sociedade contemporânea está imersa em uma dinâmica rede de comunicação, o que ocasiona mudanças nos modos de acessos à informação e ao conhecimento. Neste contexto, a informação proporciona diferentes vivências no cotidiano dos sujeitos e, segundo Castells (1999): [...], um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons, e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldada por elas (CASTELLS, 1999, p.40).

É consenso entre os estudiosos de Educação que já não bastam informações para que crianças, jovens e adultos possam participar de modo integrado e efetivo da vida em sociedade. Informações repetidas, memorizadas, reproduzidas, geram manutenção do já existente e colocam os aprendizes na condição de espectadores do mundo. O mundo atual exige cada vez mais um profissional que pense, sinta e aja de modo cada vez mais amplo e profundo, comprometido com as questões do seu entorno.

Historicamente, a formação de profissionais está pautada em metodologias conservadoras, fortemente influenciada pelo cartesianismo e, por isso mesmo, fragmentada e reducionista. Nesse sentido, o processo ensino-aprendizagem também está contaminado pela simples reprodução do conhecimento onde ao discente cabe a reprodução e repetição do mesmo e ao docente o papel de transmitir o conhecimento (MITRE et al, 2008). Faz parte das funções da escola contribuir para que haja desenvolvimento de processos interativos que contribuam com mudança desse quadro.

“O educador precisa saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2008).

A educação, bem como o processo educativo, deve ser orientada por metodologias que permitam atender aos objetivos propostos pelos docentes. Conforme Nérice

(1978, p.284), a metodologia do ensino pode ser compreendida como um “conjunto de procedimentos didáticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino”, esse conjunto de métodos são utilizados com o intuito de alcançar objetivos do ensino e de aprendizagem, com a máxima eficácia e, por sua vez, obter o máximo de rendimento.

As mudanças que ocorreram na forma de ensino com o uso das tecnologias, os desafios impostos aos professores e as oportunidades com a inserção de novas formas e meios, exige dos professores novos métodos de ensino. Volta-se a atenção para as transformações da sociedade e a necessidade de modificar as tradicionais formas de ensinar, de aprimorar constantemente as práticas e os saberes docentes (VAILLANT; MARCELO, 2012).

As discussões acerca dos saberes docentes têm se intensificado nas últimas décadas, e tornou-se objeto de pesquisas em todo o mundo. Tais estudos surgiram como consequência à profissionalização do ensino e dos docentes, e remetem ao fato destes saberes não se limitarem à transmissão de conhecimento aos alunos, mas sim a um conjunto de fatores que são construídos e adquiridos com a formação e a experiência, vivências e habilidades específicas adquiridas com o tempo (CUNHA, 2007; TARDIF, LESSARD, LAHAYE, 1991).

Conforme o entendimento de Tardif (2002), os saberes docentes são adquiridos e construídos em um processo contínuo de aprendizagem, em que o professor aprende de forma progressiva e, com isso, se insere e domina seu ambiente de trabalho. Assim, não se pode dizer que os saberes docentes são constituídos por um conjunto de conteúdos definidos e imutáveis.

Na concepção de Tardif (2002, p.18) o saber envolve além do conhecimento, “saber- fazer bastante diverso”, provenientes de diversas fontes e de naturezas diferentes, por esse motivo é considerado “plural, compósito, heterogêneo”. O autor enfatiza ainda que o “saber está a serviço do trabalho”, pois os professores utilizam diferentes saberes em função das condições, situações e recursos ligados a este trabalho, visando enfrentar e solucionar diferentes problemas ou situações em seu cotidiano.

Tardif (2000), considera que os saberes profissionais dos professores são plurais e heterogêneos, e que isso se deve a três fatores. Primeiramente são assim considerados porque provêm de diversas fontes, podem ser oriundos da cultura pessoal do professor, história de vida e experiência escolar anterior, conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, em sua formação profissional. Podem ser também conhecimentos curriculares provenientes de programas, guias e manuais escolares, e principalmente a experiência adquirida com seu trabalho.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“A EDUCAÇÃO SEXUAL E O CUIDADO DE SI” NO ÂMBITO METODOLÓGICO: CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Michele Garcia	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
Gabriella Rossetti Ferreira	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2761925061	
CAPÍTULO 2	11
ATIVIDADES INVESTIGATIVAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: ABORDAGEM DIDÁTICA SOBRE AS QUESTÕES RELATIVAS À SEXUALIDADE PARA AS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Frederico Passini	
Mirley Luciene dos Santos	
Kézia Ribeiro Gonzaga	
Malena Marília Martins Gatinho	
Vanessa Oliveira Gonçalves	
Cleide Sandra Tavares Araújo	
José Divino dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2761925062	
CAPÍTULO 3	24
“NA TRILHA DA LIMPEZA URBANA”: JOGO EDUCATIVO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA	
Isaias Gomide Monteiro	
Rosana Aparecida Ravaglia Soares	
Ronaldo Figueiró Portella Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2761925063	
CAPÍTULO 4	39
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: O PAPEL DO DIRETOR ESCOLAR	
Ivana Corrêa de Souza Faour	
Mariangela Camba	
DOI 10.22533/at.ed.2761925064	
CAPÍTULO 5	56
A INFLUÊNCIA DAS FASES DA LUA NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE RIO DA PRATA/NOVA LARANJEIRAS/PR	
Ana Paula Nahirne	
Dulce Maria Strieder	
DOI 10.22533/at.ed.2761925065	
CAPÍTULO 6	68
A LEITURA DE ALUNOS NÃO ALFABETIZADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PRIMEIRO PASSO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Rodrigo Leite da Silva	
Jucilea Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2761925066	

CAPÍTULO 7 79

A SOLIDARIEDADE COLABORATIVA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Alessandra Lisboa da Silva
Elaine Sampaio de Barros
Igor Magri de Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.2761925067

CAPÍTULO 8 87

A UTILIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS QUANTO A SUA VALIDADE E RELEVÂNCIA

Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura
Reginaldo Adriano de Souza
Lilian Beatriz Ferreira Longo
Andréia Almeida Mendes
José Carlos de Souza

DOI 10.22533/at.ed.2761925068

CAPÍTULO 9 103

APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE ÉTICA EM UMA FACULDADE DE TECNOLOGIA

Ana Lúcia Magalhães
Benedita Hirene de França Heringer

DOI 10.22533/at.ed.2761925069

CAPÍTULO 10 113

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: DESIGN THINKING – APLICAÇÃO NO CURSO TECNÓLOGO DE GESTÃO COMERCIAL

Andréa Barbosa Delfini Paulo
Fernanda Rodrigues Pucci
Mara Rúbia Muniz Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.27619250610

CAPÍTULO 11 122

BINGO NO APRENDIZADO EFETIVO

Carina Scolari Gosch
Iran Roger Alkimin de Oliveira Júnior
Ray Almeida da Silva Rocha
João Ayres do Couto Neto
Priscila Lopes Neri
Leonardo Sousa Mundoco
Inglá Bitarães Pereira
Ianka Thamylla Sousa Silva
Núbia Ferreira da Silva Tavares
Ada Keren Queiroz Aquino
Inácia Neta Brilhante de Sousa
Bruna Silva Resende

DOI 10.22533/at.ed.27619250611

CAPÍTULO 12 130

BRINCADEIRAS E JOGOS EDUCATIVOS: RECURSOS ENRIQUECEDORES À APRENDIZAGEM

Luis Vanderlei Torres

DOI 10.22533/at.ed.27619250612

CAPÍTULO 13 137

CONTRATOS INTERNOS DE GESTÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: JOGO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Katia Ferreira Costa Campos
Vanessa de Almeida Guerra
Rafael Mendonça Ribeiro
Rafaela Leonel de Oliveira Mata
Antônio Rogerio Dias Guimaraes
Marco Antonio Vieira de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.27619250613

CAPÍTULO 14 145

DA INSTITUIÇÃO DA PROFISSÃO DE PSICÓLOGO AO MODELO DE GESTÃO ANGLO-SAXÔNICO: UM PANORAMA DA CRIAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA NO PARANÁ

Eduardo Henrique Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.27619250614

CAPÍTULO 15 153

EDUCAÇÃO OLÍMPICA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA POSSÍVEL DE ENSINO APRENDIZAGEM NO ÂMBITO ESCOLAR

André Campos de Lima
Camila Tomicki
José Luis Dalla Costa

DOI 10.22533/at.ed.27619250615

CAPÍTULO 16 165

ENSINO DE BIOLOGIA EM ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL EM TERESINA, PIAUÍ

Nayara Gonçalves de Sousa
Carlos Eduardo Castro Ribeiro
Neylla Roberta Santos da Costa
Andressa de Oliveira da Costa
Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.27619250616

CAPÍTULO 17 173

EXPANDINDO HORIZONTES: A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PARA APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA

Fátima Aparecida Marinho Coelho
Gerson Tenório dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.27619250617

CAPÍTULO 18 180

GAME OVER NA FALTA DE ATENÇÃO

Carina Scolari Gosch
Ada Keren Queiroz Aquino
Ianka Thamylla Sousa Silva
Inglá Bitarães Pereira
Iran Roger Alkimin de Oliveira Júnior
João Ayres do Couto Neto
Leonardo Sousa Mundoco
Núbia Ferreira da Silva Tavares
Priscila Lopes Neri
Ray Almeida da Silva Rocha
Bruna Silva Resende

Inácia Neta Brilhante de Sousa
DOI 10.22533/at.ed.27619250618

CAPÍTULO 19 188

GLICODOMINANDO: MEMORIZANDO A GLICÓLISE BRINCANDO

Gabriella Candian Felix Teixeira
Sílvia Carvalho
Paula Caputo Dutra de Oliveira
Igor Visconde Gonçalves
Andreia Laura Prates Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.27619250619

CAPÍTULO 20 197

GRAMÁTICA, INTERAÇÃO, DISCURSO E TEXTO

Karyn Meyer

DOI 10.22533/at.ed.27619250620

CAPÍTULO 21 206

MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM O MATERIAL TORRE ROSA

Amanda Maria Fávaro
Thaís de Sá Gomes Novaes

DOI 10.22533/at.ed.27619250621

CAPÍTULO 22 223

METODOLOGIA ATIVA E INCLUSÃO: DESENVOLVIMENTO DE FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS AO ENSINO DE ALUNOS SURDOS

Adriana Paula Fuzeto
Gustavo Dias de Oliveira
Ítalo Ferreira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.27619250622

CAPÍTULO 23 234

METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO: ASSOCIAÇÃO ENTRE APRENDIZADO EFETIVO E SATISFAÇÃO ACADÊMICA

Carina Scolari Gosch
Bruna Silva Resende
Ray Almeida da Silva Rocha
Iran Roger Alkimin de Oliveira Júnior
Priscila Lopes Neri
João Ayres do Couto Neto

DOI 10.22533/at.ed.27619250623

CAPÍTULO 24 244

MICRO ATIVIDADES PARA O CONHECIMENTO

Carina Scolari Gosch
Ada Keren Queiroz Aquino
Ianka Thamylla Sousa Silva
Inglá Bitarães Pereira
Iran Roger Alkimin de Oliveira Júnior
João Ayres do Couto Neto
Leonardo Sousa Mundoco
Núbia Ferreira da Silva Tavares
Priscila Lopes Neri

Ray Almeida da Silva Rocha
Bruna Silva Resende
Inácia Neta Brilhante de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.27619250624

CAPÍTULO 25 253

O CICLO DE LEITURA COMO ELEMENTO DE INCLUSÃO E DE AMPLIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE JURUPIRANGA-PB

Saulo José Veloso de Andrade
Rosilene Cândido da Silva Lima
Cátia Silene da Silva Araújo
Karla Janaina Barbalho Maciel
Maria Leonilde da Silva

DOI 10.22533/at.ed.27619250625

CAPÍTULO 26 258

O USO DA QUÍMICA FORENSE COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA CONTEXTUAL PARA A ABORDAGEM DA TEMÁTICA DROGAS AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça Brandão
Milene Graciele de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.27619250626

CAPÍTULO 27 263

OS TEMAS TRANSVERSAIS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Cíntia Cristiane de Andrade
Paulo Cesar Canato Santinelo
Lucila Akiko Nagashima

DOI 10.22533/at.ed.27619250627

CAPÍTULO 28 273

PROJETO INTERDISCIPLINAR INOVADOR PARA APRENDIZAGEM: UM TREINAMENTO DESENVOLVIDO POR ALUNOS PARA A COMUNIDADE ESCOLAR

Ana Maria Chavão Brito Lombardi de Souza
Geraldo José Lombardi de Souza
Michelle Wenter

DOI 10.22533/at.ed.27619250628

CAPÍTULO 29 280

PROMOVER O ENSINO E A APRENDIZAGEM PARA ALÉM DO TECNICISMO

Elines Saraiva da Silva Gomes
Mariangela Camba
Elisete Gomes Natário

DOI 10.22533/at.ed.27619250629

CAPÍTULO 30 292

RELAÇÃO MOTIVAÇÃO / ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM PARA DISCENTES DA EDUCAÇÃO SEMIPRESENCIAL

Rafael Ernesto Balen
Ana Flávia Ciríaco de Oliveira
Simone Deperon Eccheli

DOI 10.22533/at.ed.27619250630

CAPÍTULO 31	306
TPACK, UMA DIRETRIZ PARA O USO PEDAGÓGICO DAS TIC NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Patricia Rodrigues Carvalho dos Reis	
Elisabeth dos Santos Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.27619250631	
CAPÍTULO 32	315
UMA PRÁTICA MUSICAL EM UM PROJETO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Willian Monteiro dos Santos	
Abigail Malavasi	
Elisete Gomes Natário	
DOI 10.22533/at.ed.27619250632	
CAPÍTULO 33	325
DISPLAY HOLOGRÁFICO INFANTIL PARA TABLETS	
Felipe Ferreira Sereno	
DOI 10.22533/at.ed.27619250633	
SOBRE A ORGANIZADORA	340

A LEITURA DE ALUNOS NÃO ALFABETIZADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PRIMEIRO PASSO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Rodrigo Leite da Silva

Doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Coordenador acadêmico da FCE/SP – Faculdade Campos Elíseos de São Paulo.

Jucilea Silva de Oliveira

Graduada em Letras pelo Centro Universitário Monserrat e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. Professora da Educação Infantil no Colégio São Nicolás.

RESUMO: Este artigo tem por finalidade discutir a introdução, por professores da Educação Infantil, de estratégias de leitura que possibilitam a ampliação dos olhares dos seus alunos, acerca do mundo letrado. Dessa forma, ensinar os alunos a lerem outras linguagens, que não sejam exclusivamente a linguagem verbal, é mostrar-lhes que eles também sabem ler e atribuir sentido a diversificados cenários (como quadros, fotos, expressões corporais etc). Partindo do pressuposto que todo ser é letrado, deve-se levar em consideração os conhecimentos prévios trazidos à sala de aula pelos alunos. Nesse sentido, o presente artigo consiste numa reflexão a respeito da leitura no processo de atribuição de sentidos que constituem os diferentes contextos em que nos inserimos. Destaca-se também a importância de ler no processo de alfabetização de crianças e, por fim, explica-se a importância

do letramento na Educação Infantil; como este tem importantes contribuições para a formação de leitores competentes no futuro e como não podemos dissociá-lo do processo de alfabetização. Ambos não podem ser separados, pois, claramente, um não acontece sem o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Alfabetização; Pré-escola; Letramento.

THE READING OF NON-LITERACY STUDENTS IN CHILDREN EDUCATION: THE FIRST STEP FOR LEARNING TRAINING

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the introduction, by teachers of Early Childhood Education, of reading strategies that allow for the broadening of the students' views about the literate world. Thus, teaching students to read other languages, other than verbal language, is to show them that they also know how to read and assign meaning to a variety of settings (such as pictures, pictures, expressions, etc.). Based on the assumption that every being is literate, one must take into account the previous knowledge brought to the classroom by the students. In this sense, the present article consists of a reflection about the reading in the process of attribution of meanings that constitute the different contexts in which we

are inserted. The importance of reading in the process of children's literacy is also highlighted, and finally, the importance of literacy in Early Childhood Education is explained; how it has important contributions to the formation of competent readers in the future and how we can not dissociate it from the literacy process. Both can not be separated, for clearly one does not happen without the other.

KEYWORDS: Reading; Literacy; Pre school; Literature.

1 | INTRODUÇÃO

No presente artigo científico, refletiremos sobre algumas estratégias que estimulam, de forma atrativa, a leitura de alunos não-alfabetizados na pré-escola, a fim de que tenhamos alunos leitores capazes de produzir os sentidos necessários que emergem dos diferentes gêneros textuais que entrarem em contato ao logo do seu percurso formativo. É sabido que a exposição dos alunos a diferentes de gêneros textuais expressos pelas linguagens verbal, não-verbal e multimodal (mescla das linguagens verbal e não verbal), são ferramentas necessárias para o sucesso na formação de leitores. Entretanto, alguns conceitos devem ser esclarecidos, a fim de que tal jornada se efetive e seja eficiente.

A leitura deve ir além do texto escrito para ser entendida como uma maneira de captação do sentido das coisas que constituem nosso cotidiano.

Nesse sentido, temos **problematização** propor a investigação sobre quais estratégias de leitura poderiam ser adotadas na Educação Infantil com a finalidade de estimular a leitura de alunos não-alfabetizados em diferentes gêneros textuais que constituem seu cotidiano, com vistas a contribuir para a organização de um percurso formativo, no âmbito da produção de sentidos que emergem desses diversificados gêneros textuais.

Dessa maneira, segundo Soares (2003), ao levar em consideração o trabalho com os gêneros textuais, na Educação Infantil, podemos possibilitar à criança diversificadas oportunidades de experimentação, por intermédio da sua interação com variados textos, de modo a anteceder seu processo de alfabetização, isto é, na proposição de inserção do aluno à participação de práticas de letramento, sem que seja necessário possuir o domínio do sistema de escrita.

A autora explicita, em seus estudos, que o conceito de alfabetização se conecta a dois processos metodológicos, sendo um direcionado para o ensino de língua escrita e o outro para as práticas de letramento. Ao levar em consideração as práticas de alfabetização, no contexto do letramento, é indispensável o trabalho com os gêneros textuais na Educação Infantil.

Diante dessa circunstância, temos por **objetivo geral** demonstrar às crianças da Educação Infantil, por meio das práticas de letramento, que possuem conhecimentos leitores sem que sejam alfabetizados.

De acordo com o IBGE, de 2001 a 2009, a taxa de analfabetos funcionais caiu

de 27,3% a 20,3%. Tal dado nos enche de esperança, porém ainda nos encontramos com um taxa bastante significativa. Percebe-se que ainda há muito que fazemos para modificarmos tal estatística e obtermos os resultados esperados. Freire (1989), afirma que se lê o mundo antes mesmo de se ler as palavras. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a educação infantil deve promover experiências significativas de aprendizagem da língua, trabalhando tanto com a linguagem oral quanto com a linguagem escrita. Nossa sociedade passa por constantes mudanças e, no cenário educacional, a situação não poderia ser diferente. Saber dominar o código escrito por si só não é garantia de ser um leitor competente e eficiente. É necessário valorizar-se o conhecimento do mundo letrado e trazê-lo para dentro da escola, utilizando-o de forma efetiva para que possamos obter sucesso no processo de aquisição da leitura autônoma e competente. Segundo Solé (1998), as estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Cabe aos educadores aplicarem tais estratégias em suas práticas diárias contribuindo assim para uma melhora na qualidade leitora.

2 | AFINAL, O QUE É LEITURA?

Antes de trabalharmos as estratégias de leitura propriamente ditas, necessita-se fazer referência ao que é leitura e a sua importância.

De acordo com o dicionário Aurélio (2004, p.1193): “1. Ação ou efeito de ler. 2. Arte de ler. 3. Hábito de ler. 4. Aquilo que se lê.” Logo, remete-se a definição de ler. De acordo com este mesmo dicionário (2004, p.1198), ler é “ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, repetindo-as mentalmente ou em voz alta”. **“Já está na escola, mas ainda não sabe ler”**. Ora, se ler é juntar as letras, qualquer cidadão que sabe decodificar sabe ler, certo? Errado! O processo de leitura vai além da decodificação e junção de letras.

Segundo Bamberger (2002), a leitura é uma prática social que, antes da invenção da imprensa, era acessível a poucos.

Ler é conhecer, interpretar, ver o mundo a sua volta e entendê-lo. Paulo Freire (1989, p.2) disse que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela”.

Paulo Freire deixa claro, nessa afirmação, que o processo e o ato de ler iniciam-se antes mesmo do conhecimento de letras do alfabeto, do processo de juntá-las e transformá-las num vocábulo. Sendo assim, o educador dos dias atuais deve ater-se ao fato de que seu aluno, independentemente de sua idade, quando inicia seu processo de escolarização já tem um conhecimento de mundo. Esta criança já está “lendo”. Ele lê o mundo a sua volta, seus colegas, seus professores etc. Respeitar o conhecimento prévio trazido à sala de aula pelas crianças é iniciar o processo de alfabetização e letramento do meio, pois o começo já está com ele. Tal processo faz parte de nossas vidas, desde nosso nascimento. O bebê já nasce explorando o mundo

ao seu redor, emite sons para se expressar e sabe, muitas vezes, reconhecer sua mãe pela voz. Isto nada mais é do que “ler o mundo”. Crianças “maiores” também sabem ler as expressões faciais de seus pais e, logo, distinguem o certo do errado etc. Ignorar todo esse conhecimento e ensiná-los a ler como se estas crianças chegassem à escola “ocas” é insensato e pode ter terríveis consequências como a falta de confiança. Tomar como ponto de partida a leitura de mundo é, certamente, a melhor maneira de tornar nossos alunos seres críticos, confiantes e pensantes, é mostrar-lhes que eles já chegam à escola “lendo” e que falta muito pouco para o próximo passo, que é a decodificação propriamente dita. Conclui-se então que a leitura vai além do processo de decodificar letras, mas, sim, atribuir sentido a coisas da nossa vida, da nossa realidade. Contextualizar o ato de ler é torná-lo algo simples, pois ele é, e também altamente prazeroso. Ler é estar vivo dentro da sociedade da qual fazemos parte. O leitor competente é aquele que é capaz de atribuir significado ao que lê, sabe selecionar textos que atendam suas necessidades e consegue ter rapidez e proficiência ao realizar a leitura em si, compreendendo-a e realizando-a com fluência.

3 | A IMPORTÂNCIA DE LER

O ato de ler, como dito anteriormente, não se refere somente à decodificação de vocábulos, mas, sim, a ler o mundo a sua volta e compreendê-lo. Infelizmente, muitos educadores não compreendem que ler vai além do decodificar; o que dificulta muito a formação de novos leitores bem como a diminuição de analfabetos –funcionais ou não. A leitura parece estar sempre relacionada com a simples decodificação e com um processo rígido no qual tudo está relacionado a algo, tornando-a superficial, limitando muito o processo de significação dos signos de maneira mais profunda e contundente, é o ler “nas entrelinhas” que fica comprometido, neste caso. O ato de ler sempre foi objeto de estudo de diversos educadores, entre eles, Paulo Freire, que discorreu diversas vezes sobre esse ato. O “ler” não pode deixar de ser visto como algo complicado, porém quando realizado com sucesso, é satisfatório.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação (FREIRE, 1995, p.29).

Segundo o PCN de Língua Portuguesa (1997), um dos objetivos do ensino de Português no ensino fundamental é valorizar a leitura como fonte de informação, como acesso aos mundos da literatura, capacitando o aluno a ter acesso a materiais escritos em função de diferentes objetivos. Ora, cabe então aos educadores refletirem e repensarem a respeito da importância de ler na vida de seus educandos. Por que

é importante ler? Por que é tão importante lermos para nossos alunos? Por que é importante ensiná-los a ler? Quando deveríamos iniciar este processo? Podemos “ensinar” alunos não alfabetizados a ler? Todos esses questionamentos fazem parte da vida de um educador, especialmente, da vida dos pedagogos ou dos professores conhecidos como “alfabetizadores”, mas quando nos ativermos ao detalhe de que isso não é uma missão iniciada somente no primeiro ano do ensino fundamental, far-se-á toda diferença na vida - não somente escolar – desse aluno, entretanto em toda sua vida.

Ler nos mantém informados, fomenta a imaginação e a criatividade, desenvolve o vocabulário, auxilia no desenvolvimento da oralidade, oferece novos conhecimentos, modifica conhecimentos antigos, estimula a memória, ajuda na capacidade de interpretação, dar prazer e pode ser uma maneira de apresentarmos o “mundo” da escrita aos nossos alunos.

A leitura, quando mais cedo introduzida, será benéfica à vida do aluno. Esse compreenderá sua importância e seus benefícios. Ela é importante não somente para a formação do estudante no ambiente escolar, mas também contribuirá para a sua formação enquanto cidadão ativo. “A leitura suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e tem experiências intelectuais, o resultado é a formação de uma filosofia da vida, compreensão do mundo que nos rodeia”. (BAMBERGUR, 2002, p.32).

Compreende-se que a leitura é, sim, algo que nos acompanha sempre, porém cabe à escola criar formas de melhor explorá-la, dando subsídios aos alunos, trabalhando com experiências reais e autênticas para que um dia eles, os alunos, consigam realizá-la de forma eficiente e eficaz, dando sentido àquilo que eles leem. A fim de que tal objetivo seja alcançado com sucesso, usar estratégias de leitura desde a pré-escola faz com que “ler” seja algo fácil, descomplicado, simples e acima de tudo natural, pois isso é inerente à condição humana.

“Transformar” os alunos em leitores não é tarefa fácil e isto não acontece do dia para a noite, é algo árduo, trabalhoso, muitas vezes desgastante, porém recompensador, uma vez que os benefícios são inúmeros.

Para que tal competência seja atingida com sucesso, necessita-se de muito esforço e desempenho por parte dos professores, de forma que eles construam em suas salas de aula um ambiente aconchegante para as práticas de leitura. Trabalhar com os gêneros textuais de forma contextualizada e real é ponto de partida para que isto aconteça.

Sendo assim, para que formemos os leitores que tanto queremos, precisamos unir esforços e começarmos este processo antes mesmo de trabalharmos as práticas centrais da decodificação. Ao contrário, precisamos oferecer aos alunos desde cedo experiências relacionadas ao mundo da leitura, trabalhando estratégias que, no futuro, serão essenciais para que tenhamos bons leitores autônomos. É importante que ensinemos nossos alunos a anteciparem, a lerem ilustrações, a ativarem seus

conhecimentos prévios, a contextualizarem a história ou o livro, a verificarem suas suposições etc. Agora, veremos algumas estratégias que podem ser utilizadas com alunos não alfabetizados – e alfabetizados- para que eles, quando alfabetizados, saibam utilizá-las competentemente. O objetivo em longo prazo é que o aluno, além de ser um ótimo leitor, seja também um bom escritor.

4 | A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A formação de leitores tem sido objeto de estudos de vários pesquisadores nos últimos anos, pois o Brasil tem altos índices de analfabetos, sejam eles funcionais ou não. Quando se deve introduzir este “hábito” na vida dos educandos? Como iniciar este processo de maneira sutil, prazerosa, instigante ao ponto do aluno interessar-se sozinho pelo mundo da leitura? Como ensinar alunos não alfabetizados a ler? Isso é possível? De que maneira podemos atenuar este problema e formar uma geração de novos leitores? Como isso pode ser feito? Milhares de professores ao redor do país perguntam-se, todos os dias, como iniciar essa mudança. Ora, este processo pode – e deve- ser iniciado ainda na educação infantil. Ler desde os primeiros anos da educação infantil faz com que os alunos se familiarizem com este ato. De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1997), a leitura fornece aos alunos matéria-prima para outra conquista: a da escrita. Logo, os benefícios da leitura são inúmeros e quanto mais cedo iniciarmos este processo, mais chances teremos de formarmos novos leitores e, conseqüentemente, melhores escritores.

A fim de que formemos novos leitores, esses necessitam de uma série de recursos para que o ato de ler faça sentido e eles o realizem com proficiência e rapidez. Sendo capazes de ir além da simples decodificação de vocábulos, mas que possam ler informações implícitas; que possam aprender a ler aquilo que não está escrito; que estabeleçam relações entre experiências de vida e o texto; que compreendam que mais de uma interpretação pode ser feita; que cada leitor, baseando-se em suas próprias bagagens socioculturais, tem sua opinião em relação ao texto etc. Se esses recursos forem introduzidos durante rodas de leitura, atividade em classe, em situações reais e utilizando-se de materiais verdadeiros, será mais fácil que os alunos os apliquem quando forem leitores autônomos. Ao ler, o aluno faz uma série de interações com aquele texto para que o mesmo tenha significado. O leitor, com todo seu conhecimento prévio, aproxima-se, afasta-se, analisa, interage, observa, destaca ideias importantes, descarta o que não é relevante, faz comparações e exprime suas próprias opiniões, pois a interação entre o sujeito-leitor e texto lhe permite isto.

Para que isso aconteça, é necessário que os professores trabalhem com diversos tipos de textos diferentes, expondo seus alunos aos mais diversos gêneros textuais garantindo assim que eles serão capazes de lê-los e escrevê-los bem como escolher os que mais se adequam as suas necessidades como leitores ou escritores. É imprescindível, também, que trabalhemos com bons materiais de leitura e que

repensemos nossas práticas de ensino bem como nosso papel de adultos leitores. Como exigir que o aluno leia se você mesmo não lê? O professor deve ser coerente em sua prática.

Percebe-se que o processo de alfabetização inicia-se muito antes do processo de decodificação. É necessário que se ofereça aos alunos diversas oportunidades de “ler” antes de se trabalhar com práticas de decodificação em sala de aula. Mostrar ao aluno que linguagem falada e escrita são a mesma coisa, só fará sentido quando o professor começar a ler diferentes textos em voz alta, porém contando com a participação do aluno para que esse processo tenha sentido. Ensinar o aluno a inferir, a fazer antecipações, a usar seu conhecimento prévio no estabelecimento de relações de sentido diante de outros textos, é uma maneira de expô-los a procedimentos de leitura usados por bons leitores. Só se aprender a ler, lendo. Infelizmente, algumas das práticas de ensino atuais avaliam somente a compreensão textual dos alunos, esquecendo-se de que ao ensinarmos estratégias de leitura, estamos ensinando os alunos a lerem e compreenderem naturalmente e conseqüentemente, estaremos formando leitores eficazes e competentes.

Algumas estratégias de leitura podem ser utilizadas por educadores durante a educação infantil bem como no ensino fundamental, a fim de que ela - a leitura – faça sentido e tenha sentido enquanto se escuta ou se lê.

Sendo assim, observemos algumas estratégias de leitura relevantes na formação de leitores, sejam eles alfabetizados ou não:

- Estratégias de antecipação: é pensar no que irá vir. É utilizar-se do conhecimento prévio, da sua bagagem, a fim de construir significado;
- Estratégia de inferência: é o ler nas entrelinhas. Ler aquilo que não está escrito no texto através do conhecimento prévio e da interação com o mesmo, assim pode-se concretizar algumas conclusões;
- Estratégia de análise do contexto gráfico: esta se refere, especialmente, aos alunos não alfabetizados, pois apesar de não decodificarem os signos, os alunos podem “ler” as imagens e atribuir-lhes significado. Verificando as fotos, imagens, desenhos, palavras em negrito, títulos, subtítulos etc;
- Estratégia de seleção: é permitir ao aluno selecionar somente aquilo que é relevante, descartando o que é irrelevante para compreensão textual.

Algumas das estratégias apresentadas acima, quando utilizadas com alunos não alfabetizados, requerem a ajuda do professor; este deve fomentá-las e instigá-los a fim de que as crianças consigam atribuir significado ao texto e interajam com o mesmo. O professor será uma espécie de mediador entre o texto e o aluno, fazendo com que eles aprendam tais estratégias durante a Educação Infantil ou o início do Ensino Fundamental e, que possivelmente, possam aplicá-las, no futuro, quando se tornarem leitores independentes. Há outras estratégias de leitura que poderíamos utilizar em sala de aula. Nesse sentido, cabe ao educador verificar quais são as estratégias mais apropriadas para cada ocasião. O papel do professor é fundamental neste processo,

pois é ele quem seleciona, analisa, escolhe e monta um plano de aula de acordo com a faixa etária de seus alunos, com a realidade daquele grupo, com o conteúdo estudado etc, a fim de que os alunos utilizem essas estratégias desde o início do aprendizado da leitura.

O trabalho de leitura em sala de aula é apresentado por Solé (1998) em etapas. Sendo elas: o antes, o durante e o depois da leitura. A autora apresenta algumas estratégias que podem ser utilizadas durante essas etapas.

Segundo a autora, algumas estratégias que podem ser utilizadas antes da leitura são: antecipação do tema, estudo da capa, levantamento do conhecimento prévio, expectativa em função da formatação do gênero, expectativa em função do suporte, expectativa em função do autor ou da instituição que publica a obra.

As estratégias que podem ser utilizadas durante a leitura: confirmação, rejeição ou retificação das antecipações, localização ou construção do tema ou da ideia central, esclarecimento de palavras desconhecidas a partir da interferência ou consulta de um dicionário, formulação de conclusões implícitas, com base em outras leituras, conhecimento prévio do tema, busca de informações complementares, identificação de palavras-chave etc.

E após a leitura, pode-se verificar: construção da síntese semântica do texto, troca de impressões em relação ao texto escrito, registro oral da compreensão textual, registro escrito da compreensão textual, registro gráfico da compreensão textual, avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto, relação de informações para tirar conclusões.

Como dito anteriormente, há diversas técnicas que, quando bem aplicadas, terão resultados excelentes para a prática de leitura dos alunos. Ensiná-los a ler antes mesmo de decodificar é fornecer-lhes as ferramentas necessárias para que esta tarefa – a de ler- se torne algo mais fácil, mais prazeroso e natural. A leitura tem papel fundamental no desenvolvimento da capacidade de produzir textos, sejam eles orais ou escritos, pois por meio dela os alunos vão entrar em contato com a linguagem escrita. Ler é contribuir para ampliar a visão de mundo, é estimular o desejo de outras leituras, de investigar outras coisas, é trabalhar a criatividade, estimular a imaginação, é abrir as portas de um mundo que jamais se fechará.

5 | O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Antes de falarmos sobre o letramento na Educação Infantil, precisamos conceituar o que é letramento:

Letra+mento, estabelecendo os significados dos termos: letra como forma portuguesa da palavra latina *littera* e, mento como sufixo, que indica resultado de uma ação. Portanto, letramento é resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”. Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da

Observa-se que o termo letramento está relacionado à apropriação da escrita e da leitura, mas não somente no que se refere à decodificação, letramento está relacionado à apropriação completa da leitura e da escrita de maneira competente, independente e fluente. Tal conceito, relativamente novo na área pedagógica, deve ser diferenciado do que se refere à alfabetização.

O letramento está associado ao papel que a linguagem tem no contexto social, na sociedade atual. Nota-se, então, que o letramento não acontece somente no ambiente escolar, logo ele acontece em lugares diferentes, com pessoas diferentes e está ligado a tudo aquilo que faz parte do nosso cotidiano e orienta as práticas sociais existentes em qualquer espaço de interação humana.

Soares (2006) diz que a alfabetização diz respeito à aprendizagem da língua escrita como uma nova linguagem, diferente da linguagem oral, porém a ela associada.

Embora exista uma diferença entre letramento e alfabetização, esses processos devem caminhar lado a lado; não podemos separá-los. O processo de aquisição da linguagem escrita se dá concomitantemente com seu uso e o desenvolvimento de suas práticas sociais.

Aprender uma língua não é somente juntar suas letras e decodificá-las, é atribuir sentido a elas. Pode-se atribuir sentido a um quadro, a um vídeo, uma expressão visual, a uma dança ou a um texto escrito. Dessa forma, trata-se de ler no sentido de compreender que as coisas têm um sentido, orientadas pelas condições prévias determinadas pelo contexto de sua inserção. Por exemplo, quando uma criança vê o logotipo de um supermercado e entende o que ele representa. Uma criança ainda não alfabetizada pode sim ler. Uma criança, cujo mundo letrado é amplo, terá mais facilidade de compreender a linguagem escrita e obter sucesso no processo de alfabetização. Para que isso aconteça de maneira natural, o professor deve trabalhar com diversos tipos de materiais que privilegiam os mais diversos gêneros textuais, valorizando o conhecimento prévio dos alunos, de maneira que eles possam fazer deduções e construir o próprio conhecimento.

Segundo Van Dijk (1998), para se atribuir sentido a leitura em execução levasse em consideração os seguintes conhecimentos: conhecimento linguístico, relativo ao conhecimento das estruturas gramaticas de língua, da estrutura composicional do gênero a ser lido. Conhecimento enciclopédico, que se entende pelo conhecimento de mundo adquirido pelas experiências sócias interativas realizadas pelo individuo e conhecimento interacional relativo às regras que organizam a comunicação humana dentro de um processo sócio-interativo.

Conforme Silva (2010), a comunicação humana só pode ser compreendida no interior de textos, nesse sentido qualquer ato comunicativo subjaz um ato leitor.

Portanto, mostrar aos alunos que o processo de leitura e escrita está presente em todas as situações de comunicação humana, é dizer-lhes que eles sempre estão

lendo, independentemente, de sua capacidade “decodificadora”.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas reflexões sobre leitura e o letramento na Educação, destacamos a importância de trabalharmos o letramento e a leitura na sala de aula. Ler é atribuir sentido e não deixar de lado o conhecimento trazido pelo aluno à escola, é entender que o processo de leitura do mundo escrito inicia-se bem antes do conhecimento das letras do alfabeto.

A fim de que isso aconteça verdadeiramente, precisamos começar a utilizar estratégias que trabalhem a linguagem em diferentes contextos e o uso de diferentes tipos de textos.

Como fazer com que os alunos leiam? A resposta é simples: lendo. Ao longo deste artigo, podemos constatar que é somente através de muito trabalho, dedicação e bom planejamento que faremos dos nossos estudantes novos leitores. Eles serão os leitores que desejamos para o futuro de nossa nação. Ficou claro também que este trabalho inicia-se muito antes do processo de alfabetização. Os professores devem ler com seus alunos desde o início do processo de escolarização, fazendo assim com que eles valorizem este hábito e o apreciem.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.122), um processo de construção de conhecimento pelas crianças por meio de práticas que devem ter como ponto de partida e de chegada o uso da linguagem.

Sendo assim, faz-se necessário usar todas as linguagens em todos os momentos possíveis para que alcancemos nossos objetivos.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo: Ática. 2002

BRASIL; Ministério de Educação e Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL; Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho d'Água, 1995.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se contemplam**. São Paulo: Cortez, 1989.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

IBGE. **Anuário Estático 2009**. Rio de Janeiro, IBGE, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

_____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto. 2006.

SILVA, R. L. **A organização textual da opinião em textos dissertativos acadêmicos, notícias jornalísticas e crônicas do cotidiano**. Dissertação de Mestrado. PUC/São Paulo, 2010.

SOLE, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

VAN DIJK, T. A. **Texto y contexto, semántica y pragmática del discurso**. Madrid: Catedra, 1998.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-427-6



9 788572 474276